

## **Pulsão de morte: O princípio infernal do materialismo.**

### **Death Drive: The Infernal Principle of Materialism.**

ANTONI CANYELLES SUAU

#### **RESUMO:**

A partir de uma perspectiva que integra a psicanálise lacaniana e a filosofia da ciência, o presente artigo examina os pressupostos ontológicos e as tensões conceituais inerentes à noção de determinação inconsciente, propondo uma releitura da pulsão de morte freudiana. O estudo aborda duas questões centrais: qual é o alcance dos dualismos na teoria psicanalítica? Qual é a ideia de morte em Lacan?

**PALAVRAS-CHAVE:** dualismo – morte – pulsão – psicanálise.

#### **ABSTRACT:**

From a perspective integrating Lacanian psychoanalysis and the philosophy of science, this article examines the ontological presuppositions and conceptual tensions inherent to the notion of unconscious determination, proposing a reinterpretation of the Freudian death drive. The study addresses two central questions: what is the scope of dualisms in psychoanalytic theory? How is the conceptualization of death articulated in Lacan's work?

**KEYWORDS:** dualism – death – drive – psychoanalysis.

A pulsão de morte de Freud foi reinterpretada na psicanálise lacaniana de maneiras distintas: como o objeto de satisfação do gozo,<sup>1</sup> como uma satisfação paradoxal ao não alcançar o que se ambiciona<sup>2</sup> ou como uma falta impossível de ser recomposta no campo do desejo.<sup>3</sup> Também houve quem negasse sua existência, como deduz Alfredo Eidelsztein com base em sua análise do automatismo de repetição lacaniano, que ele opõe à compulsão de repetição freudiana.<sup>4</sup>

Embora existam inúmeras facetas que possam surgir dessas diversas abstrações, e de todas elas possam ser extraídas considerações de forma argumentada, propõe-se agregar uma nova interpretação da pulsão de morte. Em nenhum caso o propósito é substituir as interpretações anteriores. O objetivo é iluminar algumas problemáticas que essas deixam na obscuridade e que são

---

<sup>1</sup> Essa interpretação culminou no que se conhece como gozo traumático ou gozo mortífero. Embora Lacan tenha definido o gozo como a satisfação de uma pulsão em uma única ocasião, essa concepção parece ter se consolidado como a acepção predominante no panorama atual da psicanálise lacaniana. Ainda que possa ser considerada uma excelente definição, ela deu origem a uma orientação ideológica que se mostra problemática em determinados círculos lacanianos. Cf. Lacan, J. (2008). *O Seminário. Livro VII: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>2</sup> Copjec, J. (2006). *Imaginemos que la mujer no existe. Ética y sublimación*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

<sup>3</sup> Ragland, E. (1995). *Essays on the pleasures of death: From Freud to Lacan*. New York: Routledge.

<sup>4</sup> Eidelsztein, A. (2017). *La Carta Robada leída por Alfredo Eidelsztein* [vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JYlhB-gOqVA>.

consideradas inovadoras. O ponto de partida são os dois seguintes questionamentos: os dualismos são desejáveis na teoria psicanalítica? Qual é a **ideia de morte em Lacan?**

Tal como sugere o título do artigo “Além do princípio do prazer”,<sup>5</sup> texto no qual Freud introduz, pela primeira vez, o conceito de pulsão de morte, o núcleo do problema gira em torno da questão do princípio. O que nos move? O que nos motiva? O que nos transforma? Em um sentido mais formal: o que nos determina? O que nos causa? A partir da teoria lacaniana, não é possível responder a essas questões apelando para os ideais sociais, para a energia sexual da substância viva ou para o córtex pré-frontal do cérebro. Embora esse tema tenha sido amplamente abordado a partir de diversas perspectivas, isso não implica que a pergunta deva ser evitada ou descartada. Pelo contrário, sua relevância exige uma reflexão profunda e contínua.

Este artigo, em formato de ensaio, introduz uma nova abordagem a partir da filosofia da ciência ou, por que não chamá-lo pelo que realmente é, filosofia da psicanálise.<sup>6</sup> O propósito é apresentar uma resposta a essa questão complexíssima a partir de um compromisso com o materialismo filosófico e as ciências matematizadas. Ou seja, de uma forma não necessariamente científica, mas sem contradizer os conhecimentos da ciência moderna.

O argumento a desenvolver apoia-se nas três seguintes citações:

A meta de toda vida é a morte e, retrocedendo, que o inanimado estava aí antes das coisas vivas.

Em algum momento, por uma ação de forças ainda totalmente inconcebível, as propriedades do que é vivo.<sup>7</sup>

O significante como tal, barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez penetrar o sentido da morte. (A letra mata, mas só ficamos sabendo disso pela própria letra.) Por isso é que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte.<sup>8</sup>

Podemos encontrar que a capacidade das matemáticas nos dá acesso ao Reino da morte, e então retornar para contar aos vivos as descobertas de nossa jornada? O princípio do materialismo é infernal.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. *Obras Completas: História de uma neurose infantil: “O homem dos lobos”*; *Além do princípio do prazer e outros textos* (vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>6</sup> Para um desenvolvimento detalhado dessa questão, ver Canyelles, A. *Philosophy of Psychoanalysis: Possibilities, Challenges, and Clinical Relevance*. Inédito.

<sup>7</sup> Freud, S. (2010). Op. cit. p. 204.

<sup>8</sup> Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 862.

<sup>9</sup> Meillassoux, Q. (2022). Iteración, reiteración, repetición: un análisis especulativo del signo sin sentido. *Aitías. Revista de Estudios Filosóficos*, 2(4), 39–107. p. 73.

Com base nessas referências bibliográficas, propõe-se a seguinte hipótese de trabalho, que pode parecer estranha em um primeiro momento: para pensar a prática psicanalítica de forma matematizada e materialista, são necessários dualismos por toda parte. A maioria acredita que o materialismo se fundamenta em um monismo: por exemplo, que tudo pertence à *res extensa* – mundo físico –, porque a *res cogitans* – espírito – é inexistente. Em termos mais modernos: a subjetividade estaria, em última instância, determinada pelo cérebro. É evidente que esse reducionismo naturalista não serve aos psicanalistas, que não concebem a análise do sujeito como uma propriedade que está adormecida na natureza e que precisa ser despertada.

No entanto, o reverso desse naturalismo – o monismo significativo ou *moterialismo* discursivo – também é um reducionismo. Afirmar que “tudo é discursivo” ou que “a única substância existente é a gozante” é igualmente simplista em relação à psique e ao inconsciente. Vale destacar que o presente trabalho não se concentra na técnica da psicanálise. Não se questiona que, na clínica, trabalha-se com significantes e discursos, ou que há sintomas cuja origem é ideativa ou obsessiva. Propõe-se, aqui, um exercício que ressoa com os pressupostos da filosofia da ciência: interrogar a teoria da causalidade que sustenta a prática psicanalítica, pois não basta apenas comprovar os efeitos na clínica cotidiana. A pergunta fundamental em relação à pulsão é, então: como justificar que o inconsciente, instância da letra, determina o corpo orgânico ou fisiológico? De que forma o inconsciente interage com o sentido e sua expressão simbólica por meio de sintomas, fenômenos transferenciais, traços de caráter ou sonhos? Cada uma dessas questões constitui um dualismo.

Freud afirma que a pulsão de morte, por meio da redução completa das tensões, representa a tendência de todo ser vivo a retornar ao estado inorgânico de onde emergiu. A partir disso, além da definição de estado a partir da libido, destaca-se apenas uma nota: a ideia de retorno ou regressão a uma instância anterior, o repouso absoluto do inorgânico. Poderíamos nos contentar com a afirmação de que a definição da pulsão de morte como um retorno ao inanimado é uma confusão flagrante de termos e que peca por nostalgia ou obscurantismo.<sup>10</sup> No entanto, o caráter deste ensaio é reflexivo ou especulativo.

A questão do dualismo é um tema espinhoso dentro da psicanálise lacaniana. A obra de Freud está repleta de dualismos porque se fundamenta em uma teoria do conflito, o que obriga a apresentar, constantemente, duas instâncias em oposição. Por outro lado, há quem afirme que Lacan, por ser spinoziano, é monista; outros o consideram dualista; e ainda é possível formar um terceiro grupo que destaca a invenção de uma terceira substância, sem diferenciar se propõem um trialismo ou, novamente, um monismo. Apesar de tudo, o tema não reside na quantidade de

---

<sup>10</sup> Lacan realizou essa crítica a Freud durante o *Seminário 21*. Que algo inanimado não saiba de nada, evidentemente, não prova que esteja morto. Por que o mundo inanimado seria um mundo morto? Cf. Lacan, J. (1973-74). *Les non-dupes errent*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S21/S21.htm>.

substâncias que compõem o *parlêtre*, mas sim em sua interação.

\* \* \*

O sentido da morte em Lacan não deve ser interpretado como a angustiante finitude da vida. Neste ponto, é pertinente recordar a questão levantada por Meillassoux: podemos encontrar que a capacidade da matemática nos dá acesso ao Reino da morte? Aqui, a morte é entendida como a ausência de vida e subjetividade inerente à escrita matemática. A matemática não pretende descrever a propriedade universal do existente, mas sim explorar como a morte se manifesta em nosso mundo. **A ideia de morte em Lacan** é introduzida pela letra ao abrir espaço para a questão pela estrutura significativa de tudo o que envolve a vida.

Desde essa mesma perspectiva, é possível interpretar a segunda morte que Lacan desenvolve no capítulo 21 do *Seminário 7*, onde ele observa que Antígona, ao iniciar sua queixa, viaja ao Reino dos mortos. “Trata-se justamente de uma ilustração do instinto [pulsão] de morte”.<sup>11</sup> A questão em pauta é a seguinte: “como o homem, isto é, um vivente, pode aceder ao conhecimento desse instinto de morte, de sua própria relação com a morte? Resposta – pela virtude do significante e sob a forma mais radical”.<sup>12</sup>

Alexandre Kojève sustenta, em *La idea de la muerte en Hegel*,<sup>13</sup> que a consciência da morte impulsiona o indivíduo a superar sua existência meramente individual. Essa consciência da morte é compreendida como o reconhecimento do desejo, o qual se ergue como o único caminho para alcançar uma existência universal e livre. O sentido da vida humana, portanto, estaria intimamente ligado à superação da morte, ao reconhecimento de sua finitude. Se o humano alcança sua verdadeira autoconsciência – a liberdade e o autoconhecimento – ao enfrentar a morte e superá-la, não é porque a evita fisicamente, mas porque a integra em sua existência, transcendendo assim a vida biológica.

Essa concepção da morte tem uma particularidade distintiva que não pode passar despercebida: diferentemente de outras mortes, esta pode ser objeto do conhecimento humano. Ela está disponível materialmente antes da finitude da vida. Nathalie Charraud afirma que a relação fundamental entre a morte e a linguagem nos *Escritos* de Lacan, aquilo que Freud chamava de pulsão de morte, é sublinhada nessa perspectiva hegeliana da palavra como o assassinato da Coisa. Poder-se-ia pensar que, mais radicalmente do que a palavra ou o significante, a letra mata o que havia de intuição, isto

---

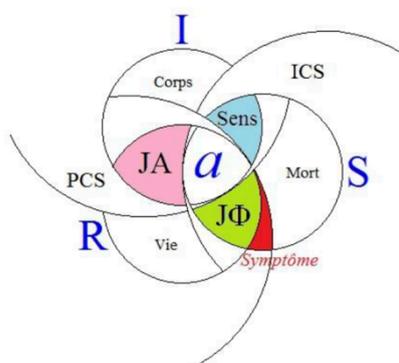
<sup>11</sup> Lacan, J. (2008). Op. cit. p. 332.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 346.

<sup>13</sup> Kojève, A. (2003). *La idea de la muerte en Hegel*. Buenos Aires: Leviatán.

é, de pulsão, na maneira de abordar o fenômeno que ela matematiza. E, “no entanto, de certa forma, permanece mais próxima da coisa do que o significante ou a palavra”.<sup>14</sup>

Lacan, em “A terceira”, coloca no nó borromeano a vida no real e a morte no simbólico:<sup>15</sup>



(Cadeia borromeana)

“A partir do momento em que se capta o que há – como dizer – de mais vivo ou de mais morto na linguagem, ou seja, a letra, é unicamente a partir daí que temos acesso ao real”.<sup>16</sup> A pulsão de morte refere-se ao assassinato da Coisa, na medida em que a letra é capaz de determinar o fenômeno que ela matematiza. No entanto, “pois não basta decidir por seu efeito: a Morte. Trata-se ainda de saber qual morte, a que é trazida pela vida ou aquela que a traz”.<sup>17</sup>

Segundo Lacan, a “pulsão de morte em Freud não é nem verdadeira nem falsa”, é “algo muito suspeito”.<sup>18</sup> A noção de pulsão de morte é, na realidade, um quase-conceito, um amontoado de fenômenos que se assemelham vagamente entre si e que, ocasionalmente, até são incompatíveis uns com os outros.<sup>19</sup> Em outras palavras, “pulsão de morte” nomeia um conjunto de problemas não resolvidos em vez de uma solução conceitual polida e finalizada. A interpretação proposta a partir da concepção da ideia da morte aqui apresentada pode ser organizada por meio da seguinte tabela, que busca ordenar o conjunto reduzido de binários que entram em jogo:

<sup>14</sup> Charraud, N. (1977). *Lacan y las matemáticas*. Buenos Aires: Atuel. p. 11.

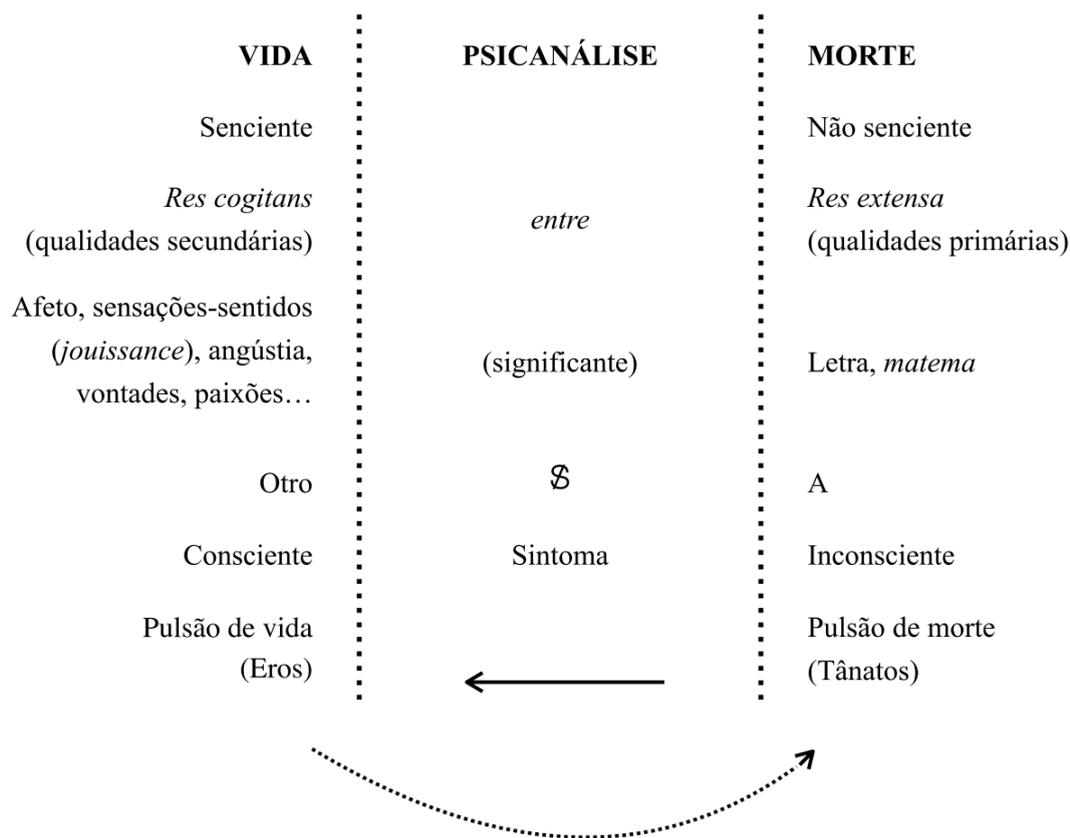
<sup>15</sup> Lacan, J. (s.d. [1974]). *La troisième*. Disponível em: [http://staferla.free.fr/Lacan/La\\_Troisieme.pdf](http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf). p. 18.

<sup>16</sup> Idem. (2002). Conferência A terceira. *Cadernos Lacan*. Porto Alegre: APPOA. p. 20.

<sup>17</sup> Idem. (1998). *Escritos*. Op. cit. p. 825.

<sup>18</sup> Idem. (2008). Op. cit. p. 255.

<sup>19</sup> Johnston, A. (2013). Drive between brain and subject: an immanent critique of lacanian neuropsychanalysis. *The Southern Journal of Philosophy* (51), 48–84.



Que novidade introduz o dualismo pulsão de vida e pulsão de morte definido dessa maneira? Na filosofia, geralmente, imperam dois princípios – fisicistas ou fisicalistas – em relação ao dualismo corpo-mente, segundo os quais tudo o que existe é físico. O princípio do fechamento causal do mundo físico, que sustenta que para todo efeito físico existe uma causa física,<sup>20</sup> e o princípio da exclusão causal-explicativa, segundo o qual os efeitos físicos não estão sistematicamente sobredeterminados.<sup>21</sup> Em outras palavras, não pode haver duas explicações causais simultâneas que sejam suficientes. Os eventos mentais causalmente eficazes – como o desejo de mover um braço – estariam plenamente precedidos por um evento físico anterior localizado no córtex pré-frontal cerebral.

Diante desse panorama atual, como justificar epistemológica e ontologicamente que a instância

<sup>20</sup> O princípio do fechamento causal afirma que, se um evento físico tem uma causa, essa causa é física. Ou seja, nenhum dos fatores causais envolvidos na produção de um efeito físico pode não ser físico, de modo que nada pode afetar a distribuição de matéria e energia, exceto a instanciação de propriedades básicas nos objetos que ocupam o espaço-tempo. Para entender o conteúdo desse princípio filosófico e de que modo se tenta fundamentá-lo nas leis de conservação da física, Cf. Vicente, A. (2001). El principio del cierre causal del mundo físico. *Crítica*, 33(99), 3–17, y Cea, I. (2019). Cierre causal de lo físico, neurofisiología y causas mentales. *Análisis Filosófico*, 34(2), 111–142.

<sup>21</sup> O princípio da exclusão causal-explicativa afirma que não pode haver duas explicações causais distintas e simultâneas que sejam ambas completas, suficientes e independentes para um evento determinado, exceto em casos de sobredeterminação. A sobredeterminação implica que a subjetividade tem eficácia causal e incide sobre um mundo físico que já está causalmente fechado, de modo que seus efeitos estão sobredeterminados. Para analisar a possibilidade da sobredeterminação a partir de uma perspectiva analítica, Cf. Vicente, A. (1999). Sobredeterminación causal mente-cuerpo. *Theoria - Segunda Época*, 14(3), 511–524.

da letra, uma substância morta, tenha efeitos sobre a instância orgânica, que é a substância viva? Mais ainda, como um sintoma ideativo obsessivo poderia ser curado apenas a partir da intervenção no sentido – instância viva, em contraste com a letra? A ideia de morte em Lacan permite rejeitar esses princípios e não agregar à matéria, mesmo quando nos referimos à subjetividade, uma substância viva, o que a tornaria não matematizável; não reduzir o campo da subjetividade à natureza física, um monismo fisicista; não reduzir o campo da subjetividade à natureza simbólica, um monismo significante; e, além disso, demonstra que o dualismo mente-corpo, ainda mais após a revolução digital e a inteligência artificial, mostra-se insuficiente na época presente.

Apesar da reputação, em parte merecida, de Lacan como um firme antinaturalista, seus ensinamentos, se lidos cuidadosamente ao pé da letra, permitem situar a interação entre o inconsciente estruturado como uma linguagem e as outras instâncias que configuram o *parlêtre*. A modo de conclusão parcial, propõe-se que o delimitado até o momento abre as portas para participar do importante debate filosófico sobre o emergentismo, que Lacan denominou criacionismo.

No *Seminário 7*, Lacan formulou essa particularidade da seguinte forma:

Não que o que Freud nos fornece com a pulsão de morte não seja uma noção injustificável cientificamente, [...], a noção da pulsão de morte é uma sublimação criacionista, ligada a esse elemento estrutural que faz com que, desde que lidamos com o que quer que seja no mundo que se apresenta sob a forma da cadeia significante, haja a uma certa altura, mas certamente fora do mundo da natureza, o para-além dessa cadeia, o *ex nihilo* sobre o qual ela se funda e se articula como tal.<sup>22</sup>

A pulsão de morte não deve ser entendida como uma propriedade que negue a função da substância viva ou do animado na determinação dos fenômenos inconscientes. Ela se refere ao ponto estrutural onde se afirma a radicalidade da criação *ex nihilo* de realidades sencientes, como paixões, afetos, sentidos ou sensações (*jouis-sens*)<sup>23</sup> que absolutamente não existiam anteriormente. O substantivo “senciencia” e o adjetivo “senciente” são vocábulos bem formados que se empregam para designar, grosso modo, a capacidade de sentir dos seres vivos. Esse termo tem sido historicamente relevante para o debate sobre a chamada senciencia animal – do ponto de vista da ética animal – e, atualmente, para analisar a probabilidade de que exista uma Inteligência Artificial senciente.

---

<sup>22</sup> Lacan, J. (2008). Op. cit. p. 255.

<sup>23</sup> O neologismo *jouis-sens* ou *jouissance* destaca o fato de que, em francês, “sentido” e “sensação” soam iguais (*sens*). O sentido depende da sensação e vice-versa.

Embora Lacan não explicita essa conexão, a posição criacionista que ele sustenta em vários momentos de sua obra<sup>24</sup> pode ser vinculada ao debate filosófico em torno do emergentismo. A omissão dessa hipótese de leitura na obra de Lacan ou no estado da arte da psicanálise lacaniana poderia ser atribuída ao fato de que as correntes emergentistas, embora tenham surgido na década de 1930, não alcançaram uma repercussão significativa em seu momento, e só experimentaram um ressurgimento relevante a partir dos anos 80, após a morte do psicanalista francês. O emergentismo – em seu sentido forte – é um modelo que tenta explicar a interação entre legalidades causais distintas, por exemplo, mente e cérebro/corpo. Ou seja, aquilo que os físicos rejeitam: que existem substâncias com legalidades causais eficientes além do corpo.

\* \* \*

Em resumo, essa aproximação aos dualismos e ao sentido da morte em Lacan permite abrir e ordenar campos de problemas que criticam o caráter básico do cientificismo e seu potencial unificador – monismo físico –, mas também o reducionismo simbólico na psicanálise. Além disso, finalmente, permite esclarecer a que Lacan se refere com a difícil figura da criação *ex nihilo*. A proposta freudiana de um retorno ao inorgânico ou inanimado, como a letra introduz, segundo Lacan, o sentido da morte, ou se é possível uma viagem de ida e volta ao Reino da Morte, tal como sugere Meillassoux, são movimentos que colocam em jogo dualismos cujas interações precisam ser racionalizadas, em vez de rejeitadas.

A presente interpretação da pulsão de morte permite reconsiderar o lugar na psicanálise de elementos como o afeto, o corpo fisiológico, os valores, o sentido ou as sensações. Ou seja, a vida. O objetivo é, em última instância, reintroduzir no debate as questões relativas à vida sem cair, por isso, em um vitalismo reducionista ou em um obscurantismo que desvirtue as bases teóricas da psicanálise lacaniana. Em outras palavras, estabelecer uma prática que não zumbifique a subjetividade sem negar os princípios da ciência moderna.

Para garantir um lugar privilegiado ao papel da formalização na clínica psicanalítica, é necessário revisar e reintroduzir no debate as questões relativas à vida. Embora seja possível interpretar o ensino de Lacan como uma orientação que concebe a prática psicanalítica em termos de formalizar a máquina autômata que é o sujeito, com o objetivo de reconfigurar sua estrutura significante ou sua programação, essa interpretação não deve levar a assumir que as pessoas não experimentam nenhum sentimento ou sensação. Pelo contrário, é fundamental reconhecer que o ser

---

<sup>24</sup> Cf. Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, e Lacan, J. (2008). Op. cit.

humano é dotado de uma vida interior rica e diversificada, cuja interação com os mecanismos formais ou simbólicos permanece uma incógnita.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Canyelles, A. *Philosophy of Psychoanalysis: Possibilities, Challenges, and Clinical Relevance*. Inédito.
2. Cea, I. (2019). Cierre causal de lo físico, neurofisiología y causas mentales. *Análisis Filosófico*, 34(2), 111–142.
3. Charraud, N. (1977). *Lacan y las matemáticas*. Buenos Aires: Atuel.
4. Copjec, J. (2006). *Imaginemos que la mujer no existe. Ética y sublimación*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
5. Eidelsztein, A. (2017). *La Carta Robada leída por Alfredo Eidelsztein*.  
<https://www.youtube.com/watch?v=JYlhB-gOqVA>
6. Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. *Obras Completas: História de uma neurose infantil: “O homem dos lobos”*; *Além do princípio do prazer e outros textos* (v. 14). São Paulo: Companhia das Letras.
7. Johnston, A. (2013). Drive between brain and subject: an immanent critique of lacanian neuropsychanalysis. *The Southern Journal of Philosophy* (51), 48–84.
8. Kojève, A. (2003). *La idea de la muerte en Hegel*. Buenos Aires: Leviatán.
9. Lacan, J. (1973-74). *Les non-dupes errent*. <http://staferla.free.fr/S21/S21.htm>
10. Lacan, J. (1974). *La troisième*. [http://staferla.free.fr/Lacan/La\\_Troisieme.pdf](http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf)
11. Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
12. Lacan, J. (2002). Conferência A terceira. Em *Cadernos Lacan*. Porto Alegre: APPOA.
13. Lacan, J. (2008). *O Seminário. Livro VII: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
14. Meillassoux, Q. (2022). Iteración, reiteración, repetición: un análisis especulativo del signo sin sentido. *Aitías. Revista de Estudios Filosóficos*, 2(4), 39–107.
15. Ragland, E. (1995). *Essays on the pleasures of death: From Freud to Lacan*. New York: Routledge.
16. Vicente, A. (1999). Sobredeterminación causal mente-cuerpo. *Theoria - Segunda Época*, 14(3), 511–524.
17. Vicente, A. (2001). El principio del cierre causal del mundo físico. *Crítica*, 33(99), 3–17.

**ANTONI CANYELLES SUAU**

Psicanalista. Reside entre Barcelona e Buenos Aires. Mestrando na Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires (UBA) e sócio de Abertura para Outro Lacan (APOLa). Sua pesquisa concentra-se na psicanálise lacaniana e na filosofia da psicanálise. Publicou diversos artigos e editou escritos e livros de vários autores.

E-mail: [canyellesantoni@gmail.com](mailto:canyellesantoni@gmail.com)